

# **Entre o ciberativismo e a trollagem virtual: uma análise das interações sociais em um *blog* feminista**

**Marcus Henrique Linhares Ponte Filho<sup>1</sup>**

**Ana Carmen de Souza Santana<sup>2</sup>**

## **RESUMO**

Este artigo objetiva analisar o *blog* "Escreva Lola Escreva" (de autoria da professora Lola Aronovich) e os impactos sociais causados pela interação dos internautas com os temas abordados nessa plataforma digital. O referido *blog* manifesta-se como um exemplo de plataforma digital caracterizada pela liberdade autoral, a interatividade e a ciberatividade. As análises procuraram catalogar as postagens da autora (tanto no *blog* quanto em seu *twitter*), além de descrever a reação dos internautas em relação às postagens, com o intuito de melhor compreender como se dá a interatividade nessa plataforma digital. Constatou-se que o ativismo em rede suscita reflexões sobre práticas formais e informais, no que diz respeito às formas de comunicação, as relações sociais estabelecidas, a defesa e luta por direitos individuais e coletivos.

**PALAVRAS-CHAVES:** *Ciberativismo*, Autoria em Rede, Multimodalidade, *Blog*.

---

<sup>1</sup> Graduado em Pedagogia e Doutor em Educação no programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da UFC. Professor efetivo da Universidade Federal do Cariri – UFCA, onde atua na área de Educomunicação e uso das mídias digitais no campo educacional. E-mail: [marcus.henrique@ufca.edu.br](mailto:marcus.henrique@ufca.edu.br)

<sup>2</sup> Doutoranda no programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da UFC. Mestre em Educação, Especialista em Informática Educativa e graduada em Pedagogia, ambas na UFC. Professora efetiva da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Pesquisadora do Laboratório de Pesquisas Multimeios. Atua nas áreas de Cultura Digital e Educomunicação. E-mail: [anacarmen@multimeios.ufc.br](mailto:anacarmen@multimeios.ufc.br)

## INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a analisar um fenômeno da cibercultura, mais especificamente, o *blog Escreva Lola Escreva*, cuja temática predominante é o feminismo. O *blog* é de autoria de uma mulher, professora universitária e feminista, que exerce uma relação de poder em sua narrativa, suscitando diversas aprendizagens, dentre elas a informal. A questão central que permeou esse trabalho foi: Qual o papel educativo dos movimentos sociais em rede?

Outras questões são levantadas como forma de elucidar as reflexões contidas nesse artigo: Que características esses movimentos sociais possuem para serem considerados educativos? Como os professores podem trabalhar pedagogicamente a temática “feminismo” utilizando as tecnologias digitais? Até que ponto os movimentos sociais podem ser considerados educativos, uma vez que surgem, muitas vezes, da indignação, da injustiça e de revoltas humanas?

Para tanto, o artigo procura oferecer ao leitor um aporte teórico sobre os temas discutidos ao longo do texto: primeiramente é feita uma análise do *ciberativismo* enquanto fenômeno social; em seguida, é proposta uma breve reflexão sobre a autoria em rede e o crescimento das iniciativas sociais através de plataformas digitais. A partir daí são discutidos os procedimentos metodológicos e as análises feitas do *blog* e do *twitter* da autora, destacando-se que para este trabalho, o *blog* foi a ferramenta principal de análise, uma vez que o *twitter* foi utilizado como ferramenta secundária pela autora (mesmo que também tenha desempenhado o mesmo grau de importância em seu ativismo digital).

### **1. A CIBERATIVIDADE COMO PRÁTICA SOCIAL: O QUE É O CIBERATIVISMO?**

O *ciberativismo* é um fenômeno relativamente jovem, mas de considerável impacto nas relações sociais mantidas através das redes sociais. Falar de “ciberatividade” é falar não apenas de práticas ligadas ao uso das redes, mas acima de tudo de um verdadeiro estilo de vida que se propaga através da atuação engajada em redes sociais ou outras ferramentas digitais (como os *blogs*), tomando por vezes ares políticos (reivindicatórios) ou de divulgação de posicionamentos e convicções pessoais a respeito de temas de interesse comum.

O uso da internet e das redes sociais como terrenos de divulgação de ideias diz respeito não apenas a um caráter meramente tecnológico do fenômeno conhecido como *ciberativismo*, mas também a um caráter essencialmente social, a partir do momento em que envolve a própria vida pessoal dos ativistas, mediatizando seus posicionamentos pessoais e deixando suas mensagens à disposição dos leitores.

Martino (2014, p. 237) aborda a clássica teoria das mediações estudada no campo das pesquisas em comunicação, e defende a ideia de que mensagens propagadas através de qualquer meio de comunicação (incluindo-se aqui a internet) “são mediadas pelos receptores, isto é, entendidas num processo cultural complexo de negociação de sentido entre produtores e receptores de uma mensagem”. Isso leva a crer que o *ciberativismo* por si só não se constitui apenas de um simples fenômeno de divulgação pessoal ou de reivindicações políticas, mas acima de tudo num processo de interação, modificação e apropriação dos conteúdos compartilhados na internet, por parte de todos os envolvidos nas postagens.

O *blog* “Escreva Lola Escreva” é um típico exemplo de ambiente virtual em que a prática ciberativista pode ser encontrada nas formas acima descritas: tanto como ferramenta de reivindicações políticas, como ferramenta de divulgação de ideias e convicções pessoais da própria autora. A autora do *blog* é a professora Lola Aronovich, atuante em movimentos sociais e autointitulada em seu perfil (seja no *blog* ou no *twitter*) como “professora da Universidade Federal do Ceará (UFC), cronista de cinema, feminista, *blogueira* que “escreve todo dia”, além de “ingrata com o patriarcado desde criancinha”.

Lola é clara e direta em sua comunicação e “apresenta suas armas” em rede, de forma que não haja dúvidas de suas convicções, dentre elas da possibilidade de empoderamento feminino, das bandeiras de luta que levanta através de sua narrativa multimodal e audiências (geralmente feministas x masculinistas anônimos).

Segundo Martino (2014, p. 237) o processo de comunicação não é puramente um processo de troca de informações, mas de “contínua articulação entre os significados propostos pelas mensagens”. Trata-se de um processo de constantes reconstruções, reinterpretações e manipulações de significados. Assim, a *ciberativista* é alguém que, de certa forma, tem noção de que suas mensagens serão reinterpretadas de maneira diferente da forma como ele mesmo as interpreta, e por isso, poderão causar um impacto social através de seu próprio ativismo. É alguém que deseja esse impacto, e até procura

formas de estimular esse choque de ideias, através da divulgação organizada e premeditada de posicionamentos pessoais.

Para Medeiros (2011, p. 96), as redes sociais e a internet são “sistemas de interdependência, que envolvem a participação e/ou a colaboração entre indivíduos, tornando o valor do todo maior que a soma das partes”. Isso significa que o sucesso de uma rede social, ou de um *blog*, depende não apenas de uma pessoa (seu autor), mas da própria interação dos frequentadores desses ambientes, independente do tipo de posicionamento que eles tomem em relação aos conteúdos ali postados.

A participação em *blogs* ou em redes sociais fortalece a “identidade digital” dos próprios usuários: trata-se de uma tentativa de fortalecer uma imagem pessoal através das próprias postagens, uma vez que “o pertencimento às redes sociais proporciona ao indivíduo a sua efetiva integração, socialização e posicionamento em seu meio” (MEDEIROS, 2011, p. 96).

Dada a importância de se posicionar criticamente na rede e ser autor de suas próprias ideias, argumentos e postagens, discutir-se-á, na seção seguinte, sobre a questão da autoria na Internet.

## **2. A AUTORIA NA INTERNET COMO CAMPO DE POSSIBILIDADES SOCIAIS**

Como meio de comunicação, a Internet se tornou uma ferramenta capaz de suscitar maior liberdade de expressão, novas formas de interação (um-muitos e muitos-muitos) e conexão, bem como formas diferenciadas de repensar o conhecimento, as práticas sociais e o papel dos usuários. Entende-se por autoria a capacidade de criar, produzir e dar sentido a ideias particulares e individuais. Tem como características o desenvolvimento da autonomia, a aprendizagem, a produtividade, a construção e a materialização de um pensamento que, a princípio, pode parecer sem sentido.

A autoria em rede prevê o uso de uma linguagem própria, única e, ao mesmo tempo, universal. Possibilita aos usuários de uma mesma rede, apropriar-se da linguagem, das informações trocadas, bem como favorece a colaboração entre os sujeitos e o surgimento de uma nova identidade. Caso a linguagem não esteja clara, os enunciados se tornam verdadeiros monólogos e com interpretações difusas. Orlandi (2004, p.70) destaca que “o sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável”.

Ou seja, quando o texto possui “unidade, coerência, progressão, não-contradição e fim” (IDEM, p. 69).

Como exemplo de autoria na rede, os *blogs*, *wikis*, fóruns de discussão, salas de bate-papo são os mais utilizados (FREITAS e COSTA, 2005; FREITAS e PEREIRA, 2009; MEDEIROS, 2011; MEDEIROS e NASCIMENTO, 2015). Para este trabalho, o *blog* e o *twitter* serão analisados como espaços de protagonismo, comunicação (difusão de informações), problematização, protesto, indignação, colaboração e solidariedade visando, possivelmente, a uma mudança social. Nesse sentido, essas ferramentas são meios capazes de trazer à tona todas essas emoções e, ao mesmo tempo, ações próprias provocando um discurso socialmente construído.

Essa construção possibilita a integração das linguagens oral e escrita, fortalecendo as trocas comunicativas *online*, uma vez que há uma hibridização que se faz ser entendida e compreendida quando se associam os dois tipos de linguagem. Ao escrever, Silva (2008, p. 364) enfatiza que o indivíduo se insere no meio sociocultural, “autoriza-se a examinar, avaliar, expressar ou silenciar; nesse silêncio (o não-dito), ele abre espaço para a presença do outro, seu interlocutor”.

Kadger & Bull (2003) destacam que o *blog* possui características como *economia*, *arquivamento*, *feedback*, *multimídia*, *imediatividade* e *participação ativa*. Tais características podem ser atribuídas ao *twitter*, uma vez que a finalidade de ambas as ferramentas é divulgar e/ou lançar uma ideia e proporcionar uma discussão em torno de um determinado tema do momento (da atualidade). Tanto o *blog* quanto o *twitter* desencadeiam novas formas de interação (um-para-muitos e muitos-muitos), mas no caso do *twitter*, a interação se dá quase que de forma instantânea, como será visto na seção quatro.

A *economia* diz respeito a postagens curtas que podem ser lidas e comentadas rapidamente, suscitando interatividade entre pessoas de uma mesma rede. O *arquivamento* possibilita o armazenamento das postagens, bem como o surgimento de novas interações (mesmo que o assunto seja outro mais atual). No *feedback*, os participantes recebem retorno imediato, têm a oportunidade de voltar e analisar mais detidamente a escrita do autor da mensagem e suas verdadeiras intenções. A *expressão multimídia* possibilita a publicação de um arquivo com imagem e som, por exemplo. Já a *imediatividade* surge como a “quase” instantaneidade da postagem favorecendo rapidamente as trocas comunicativas. Finalmente, as ferramentas suscitam a

*participação ativa*, frequente e ao diálogo contínuo entre pessoas que têm objetivos em comum.

### **3. ENTRE O QUE SE FALA E O QUE SE OUVI: UMA ANÁLISE DAS POSTAGENS DO *BLOG* E DO *TWITTER* DA AUTORA**

Os procedimentos metodológicos adotados nesse estudo se adequam as características de uma pesquisa qualitativa-descritiva (GIL, 2010). Não foi objetivo do estudo elencar a quantidade de postagens ou traçar uma média acerca da quantidade de postagens por dia, uma vez que a análise se deteve em descrever o objeto (as postagens) na sua singularidade, pautando-se nos elementos abordados na literatura referenciada. A trajetória de pesquisa foi composta por observação/levantamento das postagens, descrição e a análise propriamente.

Descritiva porque não houve a interferência dos autores desse artigo, isto é, o objeto de pesquisa foi descrito, procurando descobrir a natureza dos fenômenos, causas, relações e conexões com outros fenômenos (BARROS e LEHFELD, 2000).

A metodologia proposta foi dividida em três partes. Inicialmente, descreveu-se a página do *blog* “Escreva Lola Escreva”. Posteriormente, escolheu-se uma postagem do *Blog* e *Twitter* para a realização da descrição e análise e, por último, um contraponto entre as postagens nas duas ferramentas de comunicação.

Destaca-se que, para este trabalho, o *blog* foi a ferramenta principal de análise. Pelo *twitter* ser utilizado como ferramenta secundária, mas com o mesmo grau de importância, a mesma também foi referenciada e discutida.

#### **3.1 VISUALIZANDO O *BLOG* “ESCREVA LOLA ESCREVA”**

O *blog* “Escreva Lola, Escreva” é uma plataforma digital de estrutura visual simples, porém chamativa. O objetivo da autora é causar impacto com os conteúdos postados na plataforma, e não apenas com o aspecto visual (*layout*) do *blog*.

A imagem de topo do *blog* é dividida em duas partes: do lado esquerdo tem-se o título do *blog* com o nome da autora em vermelho. Do lado direito, a foto do rosto de uma criança deitada, com a cabeça repousada num travesseiro em estampa de zebra. A criança está sorrindo, e tem as mãos posicionadas num gesto que denota a ordem “escreva”. Essa menina é a própria Lola.

O fundo do *blog* é azul claro, e os *posts* são organizados de maneira tradicional, descrevendo a data exata de cada postagem (no estilo “QUARTA-FEIRA, 13 DE JANEIRO DE 2016”). A descrição das postagens é sempre feita na cor branca e os títulos dos *posts* são em azul escuro (sempre em caixa alta). O texto do *post* é escrito em preto, e os *links* para *posts* de outras plataformas são caracterizados pelo texto em vermelho ao longo do parágrafo, sem nenhuma determinação especial (como os *links* do tipo “clique aqui”, onde o internauta é direcionado a outros sites e plataformas). Toda citação de outras fontes de pesquisa e consulta da autora fica subentendida em seu *blog*, não havendo indicações diretas de quaisquer outros *links*. Fica também “subentendido”, que as imagens estão emolduradas por uma sutil linha vermelha, e podem ser clicadas.

O *blog* aceita doações através do *link* “Se você gosta do blog e pode ajudar, colabore”. Para tal, o internauta precisa apenas clicar no botão “Doar” e será encaminhado para efetuar sua colaboração. Há um *link* denominado “comentários mais recentes”, que está desabilitado propositalmente com o intuito de selecionar (e permitir) apenas as discussões que a autora deseja que sejam exibidas para todo o público internauta.

O *link* “Quem sou eu” tem uma foto de close fechado no rosto de Lola, com a seguinte descrição: “Sou professora da UFC, doutora em Literatura em Língua Inglesa pela UFSC e, na definição de um *troll*, ingrata com o patriarcado. Neste *bloguinho* não acadêmico falo de feminismo, cinema, literatura, política, mídia, bichinhos de estimação, maridão, combate a preconceitos, chocolate, e o que mais me der na telha. Apareça sempre e sinta-se em casa.”. Há um *link* para o *e-mail* do *blog* e um comentário afirmando que “Meu *Twitter* também é bem movimentado”.

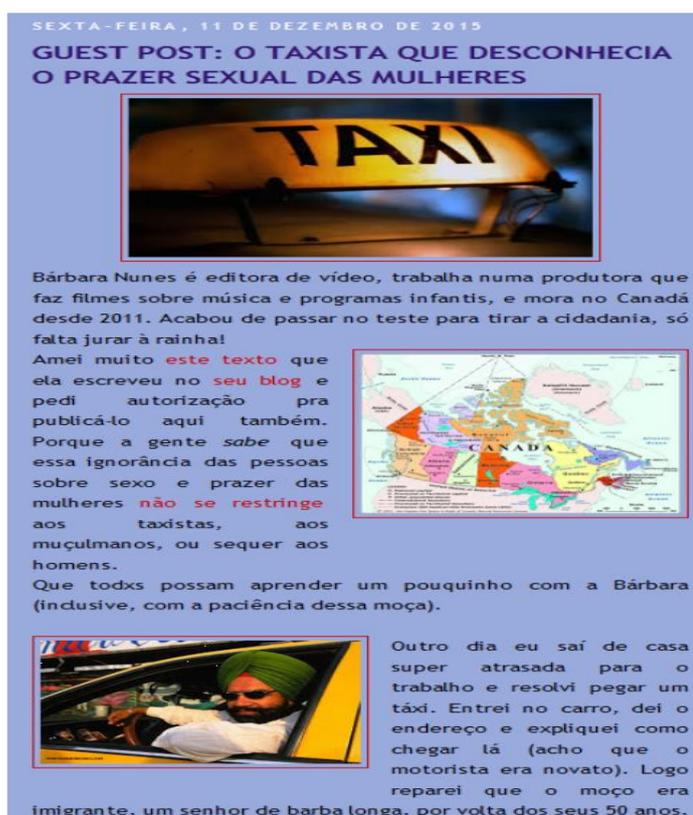
Ao descrever inicialmente o *blog* e, posteriormente, visitar o *twitter*, percebe-se que o “Escreva Lola, Escreva” é uma ferramenta chave para a compreensão das ações, intenções e atuações da autora Lola Aronovich. O *twitter* caracteriza-se, neste trabalho, como a ferramenta secundária para a difusão rápida de suas ideias, que são aprofundadas, referenciadas e debatidas mais amiúde no *blog*.

Geralmente, após algum tema polêmico circular na mídia, a autora prepara as postagens do *blog*, que às vezes conta com apoio de outras pessoas, os “*guest post*” (internautas que também tem liberdade de escrever no *blog*, enriquecendo o conteúdo da plataforma como blogueiros cooperativos).

### 3.2 ANALISANDO POSTAGENS DA AUTORA: QUAL O IMPACTO SOCIAL CAUSADO PELO BLOG E TWITTER?

A postagem evidenciada na figura 1 mostra o estilo de abordagem feita pela autora em sua prática *ciberativista*:

Figura 1: *post* publicado no blog da autora, na data de 11 de dezembro de 2015.



Inicialmente, o título do *post* (“o taxista que desconhecia o prazer sexual das mulheres”), pode sugerir interpretações de variados tipos: desde a descrição de um comportamento alheio (ou do desconhecimento alheio sobre um tema específico) até a análise de alguma postura tomada pelo próprio sujeito (taxista) em relação ao objeto específico (o prazer sexual feminino). Trata-se de uma estratégia de divulgação que mistura ousadia e mistério, pois como o título é muito abrangente e chamativo, o leitor não consegue pressupor ou supor o que a matéria pode vir a conter, sendo então “seduzido” a “abrir” o *link* específico e ver o restante do *post*, como se estivesse retirando aos poucos os “véus” da informação. O *post* relata uma experiência vivida

pela autora com um taxista mulçumano, que ficara surpreso ao descobrir sua homossexualidade.

Martino (2014, p. 114) afirma que os *blogs* não precisam necessariamente seguir um “código de conduta” em suas postagens, uma vez que se caracterizam como ferramentas especialmente particulares que são utilizadas de acordo com as conveniências de seus criadores, já que “a ética do *blog* depende unicamente do compromisso do autor consigo mesmo e com seu leitor”. Essa liberdade de ação fica ainda mais nítida nos *posts* de Lola Aronovich, uma vez que ela parece ter como principal objetivo incomodar os posicionamentos inflexíveis dos internautas, sobre as questões nas quais seu ativismo mais se apoia: homofobia e feminismo.

Esse incômodo que Lola, aparentemente, deseja causar se apoia fundamentalmente em postagens provocativas em seu *blog*, acompanhadas de *posts* no *Twitter* onde a polêmica se manifesta muitas vezes de maneira mais agressiva e intolerante, especialmente por parte dos internautas que ela denomina “Masculinistas”, ou, simplesmente “Mascus”, os quais discordam (pessoalmente ou via perfis fictícios no *Twitter* e por anônimos no *blog*) dos posicionamentos da *blogueira* e de sua rede.

Para Martino (2014), o grau de sucesso ou de “eficácia” de um *blog* é medido por sua capacidade de atrair posicionamentos de outras pessoas, não importando se os posicionamentos atraídos estão ou não em concordância com as ideias defendidas pelo autor do *blog*. Para o autor,

O atestado de validade do *blog* é legitimado pelo procedimento: a veracidade de uma informação é o único indício da qualidade da próxima (informação). No caso da opinião, **a pertinência e a lógica de uma argumentação, ou seu eco no espírito do leitor, é a chancela necessária para o autor do *blog* manter seus leitores.** (MARTINO, 2014, p. 171, grifo nosso).

As ações da *blogueira* Lola parecem se encaixar na descrição apresentada por Martino, no que se refere ao padrão comportamental demonstrado pelos *blogueiros* na apresentação de suas ideias. Lola não se preocupa em “provar” nada a seus leitores; pelo menos de maneira “oficial” ou “formal”. Ao contrário: as provas que Lola dá sobre seus posicionamentos são justamente suas próprias convicções a respeito do que fala (ou critica), e seus próprios relatos de experiência em torno das situações que usa como “exemplos vivos” dos temas em que atua.

Apesar dos *posts* da autora atraírem posicionamentos antagônicos e gerarem polêmica em torno das ideias por ela defendidas (ou criticadas), esses *posts* também atraem simpatia e concordância de uma grande parcela de internautas, especialmente em seu *blog* (onde as postagens parecem ter um caráter mais conciliatório), em detrimento das participações de alguns internautas no *Twitter*, que se manifestaram de forma mais feroz e agressiva (fazendo uso inclusive de termos em desacordo com a norma culta).

Ao traçar o perfil da autora nas postagens de seu *blog*, observa-se postura semelhante num de seus *posts* no *Twitter*, conforme é exemplificado na figura 2:

Figura 2 - *Post* publicado no *twitter* da autora, na data de 30 de janeiro 2016.



A figura 2 mostra pontos que merecem destaque ao ser analisados: a linguagem utilizada nos *posts*, a identidade dos internautas, a temática dos próprios *posts* e o público-alvo ao qual eles são dirigidos. A escrita utilizada possui tom pejorativo, demonstrando espontaneidade por parte de Lola. Essa escrita contém traços de informalidade e faz uso de abreviações, permanecendo, porém, compreensível aos leitores. Uma vez que o *twitter* possui uma quantidade limitada de caracteres, torna-se comum o uso de abreviações nessa plataforma, e percebe-se nesta postagem, que não há uma preocupação linguística (do ponto de vista da linguagem formal escrita) a quem se destinam os *posts*. Ainda que a autora possua uma diversidade de seguidores (educadores, jornalistas, estudantes oriundos de diversas áreas do conhecimento, representantes de movimentos sociais, dentre outros que se dizem feministas, ou que

defendem uma causa em comum com a *blogueira* Lola), a linguagem se caracteriza predominantemente como informal e livre de exigências da norma culta.

Tanto a mensagem de cunho autoral quanto as respostas de internautas ao *post* inicial trazem uma carga comunicacional caracterizadas por vezes de forma grosseira, através de termos como “idiotinha”, “gorda vagabunda”, ou “puta”, caracterizando ataques recíprocos de violência linguística e simbólica. Castells (2013, p. 158), ao citar as possíveis emoções que os movimentos sociais em rede desencadeiam, destaca que “a raiva aumenta com a percepção de uma ação injusta e com a identificação do agente por ela responsável”.

Verifica-se pelas expressões utilizadas que, independente de serem estabelecidas “relações saudáveis”<sup>3</sup>, os participantes se unem por possuírem objetivos e valores comuns, ou ao menos, valores que os unam momentaneamente, ainda que por conta de suas diferenças de visão a respeito desses próprios valores (como a discussão de temas como feminismo e violência contra a mulher). Reforçando esse pensamento, Castells (2013, p. 164) destaca que “o objetivo de todos os movimentos é manifestar-se em nome da sociedade como um todo”. Para tanto, as temáticas citadas trazem à tona problemáticas de uma realidade antiga, de uma cultura socialmente existente (patriarcado, machismo), mas que não eram ativamente discutidas como o são na atualidade, e que por isso mesmo, viralizaram (se espalharam na rede) seguindo a lógica propagadora de informações da Internet.

É preciso destacar que Lola, por si só, não é um movimento social, e sim alguém que pode ser classificado como uma “*ciberativista*”. É um sujeito em rede e luta por uma causa que considera justa, correta, ou digna de ser defendida (em seu caso, o feminismo). Langner, Zuliani e Mendonça (2015), ao se basearem nas ideias de Castells (2001), apontam que o patriarcado é o maior opositor dos ideários feministas, uma vez que é a raiz das diferenças entre os gêneros. Ao passo que as mulheres ao longo das últimas décadas vêm buscando sua emancipação através do acesso à educação e participação do mercado produtivo, foram os meios de comunicação eletrônica que possibilitaram a interligação entre mulheres como pontos nas “redes de esperança”.

Ao mesmo tempo em que Lola tece seu hipertexto, ela permite conhecer sua identidade digital que lhe é peculiar e única. Provavelmente, por não utilizar um tipo de linguagem face-a-face, a linguagem virtual a possibilita forjar uma identidade

---

<sup>3</sup> Relações que possibilitam a criação de vínculos de amizade, fraternidade, solidariedade dentre outros, em plataformas digitais.

“censurada” na presencialidade. São diversas as postagens de anônimos que praticam o que se conhece nas redes sociais como “*trollagem*”: uma espécie de “*bullying* virtual” onde os internautas desvirtuam as discussões levantadas em *blogs* ou redes sociais, através de *posts* descompromissados com o assunto que está sendo levantado. Lola sofre muitas “*trollagens*” em seu *twitter*, mas ela ou as pessoas de sua rede entram em ação e respondem ou comentam os anônimos identificando-os pelo minuto e segundo de sua postagem. Não se sabe “a pessoa” que postou cada *trollagem*, mas se sabe o que disse e as referências dos comentários são possíveis para a autodefesa que se julgar necessária (juridicamente falando). Nesse sentido, ao buscar compreender o texto escrito, as intenções da autora e a quem se destinam as postagens, reconhece-se que há uma identidade socialmente construída, autoral, fruto de um pensamento externalizado através da linguagem e, que por vezes foi criticado e banalizado (conforme visto na figura 2).

Hall (2000) ao discutir a identidade cultural na pós-modernidade, atribui a linguagem como elemento essencial para a compreensão de uma identidade que se constrói na cultura e por meio dela. Destaca que

Acima de tudo, e de forma diretamente contrária àquela pela qual elas são constantemente invocadas, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamada de seu exterior constitutivo, que o significado “positivo” de qualquer termo – e assim, sua identidade pode ser construída (HALL, 2000, p. 110).

Lima (2013, p. 5) aponta que “quando uma *blogueira* feminista escreve um artigo e este é comentado, compartilhado e curtido, essas ações representam a identificação do sujeito como feminista”. Concordar com a autora é inevitável, mas acrescenta-se aqui, a partir desta análise, que a identidade feminista de Lola se dá por uma autoria em rede e envolve também desprazer em ler comentários agressivos, grosseiros, e a experimentar desventuras com possíveis *trollagens* em seu *blog*, ou mesmo em relação à sua pessoa.

### 3.3 PONTOS E CONTRAPONTO: ENTRELACANDO OS FIOS

As análises realizadas sistematizam-se num quadro comparativo das postagens do *blog* e do *twitter* da autora, a partir dos seguintes critérios:

Tabela 1 - Comparação entre o *Blog* e o *Twitter* da autora, de acordo com o comportamento dos usuários e o padrão de postagens em cada plataforma.

	<i>BLOG</i>	<i>TWITTER</i>
<b>Conteúdo dos Posts</b>	Temas específicos que incomodam a autora (relatos de experiência, opiniões pessoais etc.).	Assuntos diversos (críticas políticas, provocações, divulgação do <i>blog</i> , discussões com internautas, etc.);
<b>Perfil de Interação dos Internautas</b>	Predominantemente conciliatório (Concordância com a autora, elogios etc.), mas são recorrentes <i>posts</i> anônimos com anticonteúdo feminista.	Misto (conciliatório, divergente ou polêmico);
<b>Caráter das Respostas dos Internautas</b>	Formalizado (poucas respostas, um pouco longas e polidas).	Polêmico (respostas mais curtas e informais, com uso de gírias e/ou palavras em desacordo com a norma culta

Pelo quadro acima, percebe-se que os posicionamentos pessoais da autora parecem despertar sentimentos distintos entre os internautas, e esses sentimentos se expressam de maneiras diferenciadas no *blog* e no *twitter*. Enquanto em uma das plataformas a participação dos internautas parece ser mais cordial, com comentários mais formais e balizados sobre os temas abordados (no caso do *blog*), na outra (*twitter*) alguns internautas parecer agir de forma descompromissada com o assunto em pauta nos *posts*.

Nesse caso, os participantes do *Twitter* que agem de forma mais rude e informal nos *posts* de Lola, parecem estar não apenas descompromissados com os conteúdos levantados pela autora, mas acima de tudo com os demais internautas que poderiam se beneficiar dessas discussões. É uma atitude egoísta por parte dos “*trolls*” que promovem esse tipo de desvirtuamento (do ponto de vista da interatividade), pautada

unicamente no desejo de desconstruir discussões sobre questões das quais se discorda ou com as quais alguns internautas não se identificam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *ciberativismo* manifesta-se nas redes como algo bem mais profundo que um simples posicionamento pessoal ou descompromissado. Trata-se na verdade de um fenômeno que engloba uma verdadeira rede de relações sociais, pautadas no compartilhamento de ideias, ideologias ou posicionamentos políticos, que por sua vez serão reinterpretadas pelos internautas de forma a ressignificar a essência da própria mensagem enviada por seu autor.

A partir da análise das postagens, as questões iniciais pautadas na introdução desse artigo, suscitam reflexões sobre práticas formais e informais, principalmente no que diz respeito as formas de comunicação, as relações sociais estabelecidas, a defesa e luta por direitos individuais e coletivos, bem como o papel desses movimentos sociais ao utilizar-se da rede, da escola e a postura que o professor deve assumir frente a esses desafios, independente do tempo e espaço que os sujeitos se encontrem, pois percebe-se que a prática *ciberativista* é, de alguma maneira, também “educativa”, a partir do instante em que estimula uma interatividade que, por vezes, ainda não é vivenciada em sala de aula (ao menos no formato tradicional de ensino, com aulas expositivas).

O ato pedagógico por si só é um ato interativo e pressupõe uma participação intensa entre todos os envolvidos no processo educacional. Assim, o *ciberativismo* não deixa de ter em si um aspecto pedagógico, por meio do qual conclama os internautas a refletirem sobre algum conteúdo que esteja sendo compartilhado na internet, seja através de *blogs* ou redes sociais. Essa interação se dá diretamente por meio do compartilhamento e da ressignificação dos conteúdos apropriados pelos próprios internautas. Ressignificação essa que irá transformar o formato do próprio conteúdo.

Infelizmente a escola, como instituição educacional formal, ainda tem grandes dificuldades em aceitar esse caráter de interação propagado nas informações trabalhadas nas mídias digitais, seja através da internet ou mesmo da TV. Essa é uma postura que prejudica não só a apropriação de conhecimentos por parte dos alunos, mas também a própria postura social dos alunos a partir do momento em que prejudica sua autonomia, sua coletivização de saberes e suas próprias atitudes diante da busca por novos saberes.

Especificamente em relação a *autoria*, os movimentos sociais na rede mundial de computadores afloram identidades, que a princípio, não se reconhecem, uma vez que são identidades mais livres, sem rótulos, construídas (ilusoriamente) para determinados momentos e, que muitas vezes, são suprimidas (no presencial) por medo de julgamentos. Destarte, as identidades (independente do espaço) são construídas com base em vivências pessoais, profissionais, em experiências exitosas ou não, mas que em determinados momentos elas tendem a se sobressair.

Através de uma escrita própria, verdadeira e plenamente autoral, identidades e relações estabelecidas na rede são construídas e ressignificadas. Na perspectiva de Castells (2001), há o surgimento de uma nova cultura: uma cultura específica que suscita mobilidade, instabilidade e ubiquidade causando mudanças sociais. Essa cultura é que precisa ser discutida pelos professores em práticas formais, bem como mostrar ao aluno, a importância de discutir e levar para a sala de aula temas atuais e da realidade discente.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de metodologia científica**. 2ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2000.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **A galáxia internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FREITAS, M.T.A.; COSTA, S.R. (Org.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FREITAS, M.T.A.; PEREIRA, M.L. **Práticas de escrita e autoria**: a utilização dos blogs literários nas aulas de língua portuguesa. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, 3ed., 2009, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença**: as perspectivas dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

KADJER, S.; BULL, G. **Scaffolding for struggling student**: Reading and writing with blogs. In: Learning & leading with tecnologia. n. 2, v. 31. Outubro/ 2003. Disponível: <http://heartlandaeatoc.pbworks.com/f/Scaffolding+for+Struggling+Students+Using+Blogs+and+Wikis.pdf> Acesso em: 28 jan. 2016.

LANGNER, A.; ZULIANI, C.; MENDONÇA, F. **O movimento feminista e o ativismo digital**: conquistas e expansão decorrentes do uso das plataformas online. Anais do 3º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede. Disponível: <http://www.ufsm.br/congressodireito/anais> Acesso em: 07 fev. 2016.

LIMA, Q. S. **Blogueiras feministas e o discurso de divulgação do feminismo no ciberespaço**. Anais do VI Seminário de Estudos em Análise do Discurso. 2013. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/6SEAD/SIMPOSIOS/BlogueirasFeministasEODiscurso.pdf> Acesso em: 10 fev. 2016.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes e redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MEDEIROS, Z. **Letramento digital em contextos de autoria na internet**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, BR-MG, 2011.

MEDEIROS, Z; NASCIMENTO, S. S. **A internet e seus espaços de autoria**: a escrita online em fóruns, wikis e blogs. Revista Informática na Educação: teoria & prática. Porto Alegre, v. 18, n. 1, jan./jun. 2015.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Pontes, 2004.

SILVA, O. S. F. **Entre o plágio e a autoria**: qual o papel da universidade? Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 38 maio/ago. 2008.